

DOSSIÊ

O Realismo e sua atualidade: Literatura e Modernidade Periférica

PROPONENTE

M.E. JOÃO PAULO FERREIRA DOS SANTOS

Este dossiê reúne estudos e pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento que fazem parte dos debates do Grupo de Pesquisa Literatura e Modernidade Periférica, da Universidade de Brasília. Como eixo fundante destes trabalhos, tem-se as relações entre formas estéticas e o processo social, compreendidos dentro do debate sobre a atualidade do realismo artístico.

- **TERRAS DO SEM FIM: UM ROMANCE HISTÓRICO DO CACAU**
João Paulo Ferreira dos Santos
- **“ESPAÇOS DA SOLIDÃO” NAS OBRAS DE DINO BUZZATI E DYONÉLIO MACHADO**
Ana Clara Vieira da Fonseca
- **LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE: “LEMBRANÇAS DE COISAS QUE AINDA NÃO ACONTECERAM” – ENTRE CONTINUIDADES E RUPTURAS DO REALISMO BRASILEIRO.**
Diuvânio de Albuquerque Borges
- **ARTE E HUMANIZAÇÃO NA ESTÉTICA DE LUKÁCS**
Maria Braga Barbosa Ramos

Autora | Author

Maria Braga Barbosa Ramos*
marbrag@gmail.com

ARTE E HUMANIZAÇÃO NA ESTÉTICA DE LUKÁCS**ART AND HUMANIZATION IN THE
AESTHETICS OF LUKÁCS**

Resumo: A apresentação de uma ampla conceitualização da arte e sua função é central na obra crítica do filósofo húngaro Georg Lukács. Compreendendo a arte como forma de conhecimento do mundo, importa também para ele distinguir dois tipos de reflexo da realidade: o *estético* e o *científico*. Coerente com o materialismo histórico e dialético, Lukács entende a história como o grande caminho do homem e suas transformações que, a despeito da proclamada evolução, também seguiram o curso da desumanização a partir das redes de opressão e fetichismo criadas pelo capitalismo. Ainda que diretamente ligada ao mundo objetivo, a arte manifesta a subjetividade humana, e, mesmo que passível de também ser transformada em mercadoria, possui condições de apontar um caminho para que o homem reconheça a si mesmo como parte de uma universalidade.

Palavras-chave: crítica literária, marxismo, história, objetividade, subjetividade.

Abstract: *The presentation of a broad conceptualization of art and its function is central to the critical work of the Hungarian philosopher Georg Lukacs. Understanding art as a form of knowledge of the world, it is also important for him to distinguish two types of reflection from reality: the aesthetic and the scientific. Consistent with historical and dialectical materialism, Lukacs understands history as the great path of man and his transformations that, despite the proclaimed evolution, also followed the course of dehumanization from the networks of oppression and fetishism created by capitalism. Even if directly linked to the objective world, art manifests human subjectivity, and even though it may also be transformed into a commodity, it is capable of pointing out a way for man to recognize himself as part of a universality.*

Keywords: literature critics, Marxism, history, objectivity, subjectivity.

DOSSIÊ**O Realismo e sua
atualidade: Literatura e
Modernidade Periférica****Proponente**

M.E. João Paulo Ferreira dos Santos

INTRODUÇÃO

Os estudos filosóficos e estéticos de Lukács envolvem questões que fazem parte de um antigo interesse pelas origens do conhecimento humano: a relação *homem e natureza*. A evolução do conhecimento científico permitiu à espécie chegar a um patamar tão superior – do ponto de vista intelectual e potência transformadora e produtiva – que o homem passa a olhar o mundo objetivo considerando a si mesmo como algo destacado da natureza, como um ser elevado, que já não estaria mais sujeito às leis naturais. Dentro desta perspectiva, o homem seria o domínio e a razão; a natureza seria o objeto e a irracionalidade. O mesmo par dicotômico coloca, de um lado, o mundo sub-

Recebido em: 26/02/2017

Aceito em: 04/04/2017

jetivo: a complexidade do comportamento que desenvolveu a moral, a dignidade, a compaixão e o medo – *o homem* – e do outro lado a força física do mundo objetivo: as ciências exatas, o desenvolvimento da técnica, do cálculo, a transformação da matéria – *a natureza*.

Em qualquer sociedade, para que os sujeitos possam seguir plenamente o curso de seu desenvolvimento, é necessário que o conhecimento opere dentro e fora do homem, ou seja, em sua transformação interna, subjetiva, e na transformação do mundo que o cerca. O que propõe o marxismo é que o universo material e das relações humanas, a economia e a história, isto é, o mundo objetivo, seja determinante para a evolução e a constituição do comportamento e dos valores humanos. É nesse sentido que o trabalho e as forças produtivas fazem parte de uma centralidade das questões colocadas por Lukács, porque, segundo o filósofo, é através do trabalho que o homem transforma o mundo e a si mesmo, tornando-se um ser capaz de compor uma sociedade. Através do trabalho “el hombre deviene un ‘animal social’” (LUKÁCS, 1972, p. 271).

Por isso a história é tão importante na obra de Lukács. Seguindo o modelo marxista, a história humana é construída pelo trabalho, pelo domínio da natureza e das barreiras naturais, na busca de adequar o mundo ao homem. Contudo, se existe nesse processo um caminho para o bem-estar e a prosperidade dos indivíduos em sociedade, também existe, por outro lado, o mesmo caminho inverso, na medida em que a divisão do trabalho não reúne os homens de forma equitativa, mas promove o avanço de determinadas classes a partir do massacre de outras. Ora, isso não seria nenhuma novidade na história dos homens – nos milênios de guerra e atrocidades registrados desde o surgimento da escrita –, mas constitui uma brutal contradição quando se trata de uma prática fundamentada na razão, no esclarecimento do homem “evoluído”, que desenvolveu a filosofia, a política, as artes. Já no século XVIII, em suas cartas sobre “a educação estética do homem”, Schiller (2002, p. 32) ressalta esta mesma contradição, utilizando um texto exaltado: “as classes civilizadas dão-nos a visão ainda mais repugnante da languidez e de uma depravação do caráter, tanto mais revoltante porque sua fonte é a própria cultura”.

O ESTÉTICO EMANCIPADOR

Lukács propõe uma distinção entre o que chama de *reflexo científico* e *reflexo artístico* da realidade. Ambos seriam formas de conhecimento da vida e do mundo; contudo, o segundo, que ganha maior espaço dentro das preocupações do filósofo, envolve o conhecimento cumulativo, que não se perde, que

não faz uma voz artística invalidar as anteriores, como o fazem as descobertas da ciência. Ainda assim, Lukács deixa claro em sua obra que não pretende desmerecer a importância do reflexo científico da realidade. Para ele, tanto a ciência quanto a arte promovem o reflexo da mesma realidade, partindo do cotidiano, fazendo avançar o homem. Quando o autor reitera a afirmação de Hegel que “o homem recria a si mesmo através do trabalho”, ele está considerando o trabalho humano como um todo: físico e de transformação do mundo, intelectual e de reflexão sobre si e sobre o mundo.

Dicho de modo muy general, se trata del hecho insuperable de que um desarrollo real de la personalidad humana no es posible más que en el mundo, en ininterrompida interrelación com el mundo; de que tanto un hombre que se cierre tendencialmente en si mismo como um hombre que se entregue sin defensa a su entorno y se adapte incondicionalmente a él tienen que convertirse en última instancia en inválidos anímicos (LUKÁCS, 1972, pp. 468, 469).

Para Lukács, a importância do trabalho que envolve o mundo objetivo não se deve apenas ao seu poder transformador do mundo nem da conquista da natureza. Esse tipo de trabalho nunca está apenas associado ao exterior do homem porque possui um aspecto teleológico, ou seja, passa por um planejamento, uma anterior existência na mente do sujeito, tornando-se com isso interno. Outrossim, está ligado a “rede de causalidade” da história, tem início em uma necessidade, surge a partir de um significado para o homem e tem potencial de transformá-lo ao longo da história, de agrupar novos significados, de criar uma identidade com o sujeito. Uma vez que a ciência é indispensável para o avanço das forças produtivas, ela reveste-se dessa tamanha importância para a história da evolução humana.

Contudo, Lukács estabelece uma hierarquia entre o conceito de reflexo científico e reflexo estético da realidade: embora seja a partir da ciência – portanto, do reflexo científico da realidade – que o homem tenha procedido ao domínio e à transformação da natureza, é apenas a partir do reflexo estético que o mundo pode se constituir enquanto “pátria do homem”, acolhendo-o como a um ser social.

Pero, con el creciente despliegue de la cultura, la toma de posesión del mundo por el hombre requiere además que éste ponga en relación consigo mismo el mundo externo que ha dominado práctica y fácticamente, que conquiste, com esa conquista, también una nueva patria. Esta necesidad es tan

elemental como la que ha conducido al desarrollo independiente de las ciencias (LUKÁCS, 1972, p. 292).

Percorrendo essa lógica, Lukács pretende chegar à extrema importância da manifestação artística e do estético como forma de conhecimento, como emancipador e humanizador: a arte é o “modo de manifestación más adecuado y alto de la autoconsciencia de la humanidad” (LUKÁCS, 1972, p. 293).

Lukács destaca ainda que haveria no homem moderno uma tendência em incorrer no falseamento tanto da subjetividade quanto da objetividade – os falsos extremos destes comportamentos, como a loucura ou o fetichismo. Trata-se de algo doentio no ser humano, “tendências degenerativas” contra as quais a verdadeira arte teria força de se apresentar como oposição e reestabelecer a “saúde” do homem.

Essa tendência em oferecer a arte como algo “saudável” para o homem – capaz de reconduzi-lo à consciência de pertencimento a uma universalidade, capaz de libertar a essência autônoma do ser humano – já estava delineada por Schiller (2002, p. 91) de forma quase poética: “Pela beleza, o homem sensível é conduzido à forma e ao pensamento; pela beleza, o homem espiritual é reconduzido ao pensamento; pela beleza, o homem espiritual é reconduzido à matéria e entregue de volta ao mundo sensível”. Nesse ponto, agrega-se o fator equilíbrio entre duas naturezas – a sensível e a moral, ou ainda, a objetiva e a subjetiva – o que corrobora com o que Lukács pensa sobre a necessidade desse conjunto.

Ao contrapor o *natural* ao *moral*, o *físico* ao ético, Schiller apresenta o *estético* como uma intersecção entre as duas naturezas, algo capaz de “estabelecer a passagem do domínio das simples forças para o das leis, e que, longe de impedir a evolução do caráter moral, dá à eticidade invisível o penhor dos sentidos” (SCHILLER, 2002, p. 25). De acordo com o autor, a arte contém um caminho para a evolução humana, o que poderia “salvá-lo” de apenas transitar entre os extremos das forças naturais – vivendo pelo instinto – e as forças racionais – guiando-se unicamente pelo frio cálculo e arrogante premissas do saber. Essa interface seria o equilíbrio do sujeito que encontra sua própria humanidade a partir da produção e desfrute das peças artísticas, “percorrendo o estético”, procurando a “liberdade através da beleza” (SCHILLER, 2002, p. 22).

O REFLEXO DESANTROPOMORFIZADOR

Contudo, depois de observar mais de um século de consolidação do capitalismo e evolução da classe burguesa, Lukács encontra-se em condição de superar Schiller, pois inclui em

suas observações sobre a importância da arte o conceito de *desfetichização*, ou seja, a força de oposição aos efeitos do estranhamento pelo trabalho.

Um dos exemplos usados por Lukács para ressaltar os equívocos com relação à compreensão da objetividade *versus* subjetividade é a diferença entre reflexo e fotocópia da realidade. Segundo ele, a fotocópia, tal como permite a técnica fazê-la, é nada mais que trabalho – física e química combinados – para proceder à imagem gráfica, o pictórico, e não à interpretação humana da realidade. Isso tanto seria verdade que não é raro encontrarmos uma fotografia na qual não reconhecemos a pessoa na imagem, pois aquilo que nossa visão humana processa a partir do real não é apenas o traço físico, mas algo que passa por nossa própria subjetividade. Entretanto a análise objetiva do produto do trabalho humano ressalta apenas a técnica, o fruto do reflexo científico, claramente distante da essência humana, que passará a estar associada ao universo material e a serviço da mercantilização.

Puede incluso decirse que el hombre no cuenta con fotocopias de la realidad sino a partir de un nivel de desantropomorfización relativamente alto, a saber, con la invención de la técnica fotográfica y su perfeccionamiento. No hay duda ninguna de que los resultados así obtenidos tienen, desde el punto de vista científico, un carácter desantropomorfizador. Y tanto más cuanto más avanza la técnica (LUKÁCS, 1972, p. 20).

Ao ressaltar o aspecto da desantropomorfização do reflexo científico, Lukács abre um espaço de discussão sobre o trabalho, momento no qual contrapõe a especificidade da arte (como trabalho humano) ao trabalho estranhado dentro do mundo capitalista. Enquanto o trabalho estranhado afasta o homem de sua identificação com o gênero humano, o trabalho com a arte detém o poder de intensificar essa identificação. O reflexo artístico da realidade perfaz, portanto, o caminho inverso do reflexo científico, por isso Lukács atribui à arte um caráter desfetichizador, ou seja, antropomorfizador. Enquanto o mundo da mercantilização tende a transformar todas as coisas em mercadorias – a terra, a natureza, o lazer, a cultura, o tempo do homem e às vezes o próprio homem – a arte, especificamente a arte realista, resiste a essa tendência. Lembrando a lírica de Manoel de Barros, “as coisas sem importância são bens de poesia” (BARROS, 2010, p. 143). Essa “não importância” tem relação direta com o “não utilitarismo” da arte. Mais que a resistência da obra de arte a transformar-se em mercadoria, seu caráter desfetichizador, segundo Lukács, tem a ver com o poder que a verdadeira arte possui, o de revelar da essência humana.

Nesse ponto, torna-se indiscutível a necessidade do estético para o homem. Em síntese, o desenvolvimento humano só tem condições de seguir plenamente (com o conhecimento operando dentro e fora do homem) quando o trabalho acontece a partir da conjugação dos saberes referentes à realidade objetiva e à subjetividade.

ARTE E HUMANIDADE

A experiência humana é infinitamente multiplicada em suas possibilidades de existência através da obra de arte. Isso deve-se a dois motivos elementares: o primeiro remete-se à imaginação, ao poder de criar mundos; o segundo deve-se ao fato de a arte não poder falar de nada que não envolva o humano. Nem o mais parnasiano dos poemas, nem a mais abstrata das pinturas exclui o homem de sua produção, do universo de seus significados. Basta lembrar a fábula, que promove um gesto no sentido de afastar-se disso – usando objetos e animais como personagens – mas que retorna imediatamente com a personificação dos elementos servindo à moral. Se observarmos o gênero dos filmes juvenis do cinema contemporâneo, veremos história de peixes, vermes, carros, até mesmo de um grupo de robôs extraterrestres que são absolutamente humanos. “... el victorioso mundo propio de las obras de arte, a mundalidad de éstas, a irresistibilidad de su poder evocador, se basan precisamente de lo concreta y específicamente humano” (LUKÁCS, 1972, p. 293). Embora seja possível afirmar que essa seria uma peculiaridade, não apenas da arte, mas do trabalho humano como um todo, ou seja, todo produto do trabalho só tem sentido porque nele existe um significado para o sujeito, é preciso considerar a especificidade da subjetividade estética. Apenas a arte permite a criação de um mundo, um *em si*, associado a um sujeito que o produziu, um *para si*, o que permite, segundo Lukács, fazer idênticos sujeito e objeto.

Se esse processo de exteriorização, essa identificação com o mundo, ocorre tão naturalmente nas mais distintas manifestações artísticas, no realismo, então, é possível observá-lo com uma força ainda maior. A literatura realista reúne o homem, enquanto particular, à consciência do gênero como um todo dentro da história, ou seja, no universal. Se, para Lukács, toda atividade humana nasce e retorna ao cotidiano, a melhor proposta da atividade artística que teríamos para isso seria o realismo, uma vez que, pela não regularidade da presença do insólito, esse distanciamento do cotidiano acontece minimamente na literatura realista. Quanto mais preso ao cotidiano – ainda que a fabulações cotidianas – mais fiel à revelação do

comportamento dos grupos sociais e dos tipos que fazem parte da história humana.

A arte e a poesia tornam-se, assim, uma forma de conhecimento imprescindível. A contradição sutil que existe entre o universo dos estudos históricos e as narrativas literárias é que, ao passo que a História tem a pretensão de ser verdade, ou seja, fato do mundo real, a obra de arte, que assume a si mesma como ficção em seu mundo autônomo, é tanto ou mais reveladora do comportamento humano ao longo da história do que a própria História e o estudo dos fatos. Quando o historiador narra o que *acontece*, ele está preso a uma verdade pontual, com sujeitos e tempo estabelecidos e singulares. Quando o poeta narra o que *pode acontecer* na forma verossímil, ele proclama uma verdade que se projeta para a humanidade como um todo, despertando a consciência do pertencimento ao gênero humano.

O prazer estético decorre desse conhecimento, pois, acima de qualquer necessidade de comprovação dos acontecimentos no mundo real, é constatada a verdade de uma cena dramática. Sendo a arte o único trabalho sem finalidade prática, seu resultado através do processo catártico é a “elevação da humanidade do homem”, o refinamento e a evolução do caráter da espécie. O efeito gerado no leitor pela obra de arte, a catarse, provoca no homem uma nova percepção do mundo, algo que pode ser perturbador ao ponto de criar os questionamentos necessários à investigação do homem sobre si mesmo enquanto pertencente a uma totalidade.

Entretanto, de acordo com a estética lukacsiana, todo esse processo de conhecimento pode ser prejudicado quando é agregado à arte uma finalidade prática. Para que a arte possa cumprir o seu papel de reintegração do homem à sua essência, é preciso haver esse aspecto destituído de utilitarismo; portanto, algo que eleva a arte, tornando-a quase etérea na opinião daqueles que perseguem uma conceituação definitiva para ela.

La unilateralidad metafísica se debe en ambos casos a que un acto, que, como unidad de lo contradictorio tiene precisamente su peculiaridad y su justificación, se separa en momentos aislados, contradictorios y unilaterales, y luego se contraponen injustificadamente y valorativamente a la realidad cada uno de esos momentos hipostatizados. Pero el acto estético originario no conoce esos unilaterales juicios de valor. La entrega incondicional a la realidad y el apasionado deseo de superarla van juntos, pues el deseo en cuestión no pretende imponer un “ideal” – cualquiera que se ala presunta procedente de éste –, sino destacar rasgos de la realidad que en sí son intrínsecos a ésta, en los cuales se hace visible la adecuación de la naturaleza al hombre y se superan la extrañeza y

la indiferencia respecto del ser humano, sin afectar por ello a la objetividade natural y aún menos querer aniquilarla. Pues la necesidad en cuestión lo es precisamente de una objetividade adequada ao hombre (LUKÁCS, 1972, pp. 226, 227).

Este é outro momento em que Lukács está de acordo com Schiller, no tocante ao utilitarismo da arte. Para Schiller a arte perde campo de importância em um mundo onde reina o utilitarismo, o que abre um espaço maior para o domínio da ciência e termina por retardar o crescimento do homem em sua humanidade: “A *utilidade* é o grande ídolo do tempo; quer ser servida por todas as forças e cultuada por todos os talentos. Nesta balança grosseira, o mérito espiritual da arte nada pesa, e ela, roubada de todo estímulo, desaparece do ruidoso mercado do século” (SCHILLER, 2002, p. 22).

CONCLUSÃO

O mérito da arte e sua relação com o desenvolvimento do homem na história sempre foi de reconhecida importância; a arte e suas diferentes manifestações sempre ocuparam o lugar do desejável, de algo que toca o sublime, envolto em incontestável poder de sedução. A figura do artista esteve presente, desde os gregos, como um humano superior, dotado de capacidades tão elevadas que a tradição supunha tratarem-se de dons divinos. Entretanto, a história e a consolidação das classes dominantes nos têm mostrado que a evolução da sociedade ocidental ocorreu priorizando o conhecimento que opera fora do homem, ou seja, no mundo objetivo, otimizando as técnicas produtivas, tornando prioridades a ciência e as relações humanas necessárias para o avanço produtivo. Reunindo esse fato ao pensamento marxista – admitindo a importância do trabalho no desenvolvimento do homem – temos uma sociedade que se constituiu à imagem e semelhança do capital e, consequentemente, temos um sujeito menos humano.

Na estética de Adorno, a história também tem um lugar de importância central, e está associada à evolução do trabalho humano como transformador inclusive do próprio conceito da arte:

El arte extrae su concepto de las cambiantes constelaciones históricas. Su concepto no puede definirse. No podemos deducir su esencia de su origen, como si lo primero en él fuera el estrato fundamental sobre el que se edificó todo o subsiguiente o se hundió cuando esse fundamento fue sacudido (ADORNO, 1964, p. 11).

Se pensarmos em um momento mais preciso para a localização histórica desse “fundamento abalado” da obra de arte, veremos que sua referência mais plausível seria a instauração do capitalismo na sociedade ocidental, juntamente com um imenso poder de arrebanhamento e de transformação, tanto da natureza quanto do homem. A arte como trabalho humano não ficaria imune ao processo, não apenas com respeito àquilo que ela passa a refletir, mas também com relação ao que o sujeito passa a eleger no mundo objetivo como digno de ser refletido por ela.

Essa preocupação está presente em Lukács, no momento em que ele estabelece a diferença entre objetividade cotidiana e objetividade mimética, chamando a atenção para o fato de que a obra de arte, nem mesmo a chamada *grande arte*, pode ser desvinculada da participação de um sujeito, ele mesmo tendo, frequentemente, uma visão reificada do mundo.

[...] la elección de un grupo contextual de objetos, su conversión en mundo mediante la refiguración y la conformación mimética, es imposible sin una tomada de posición respecto de aquel contenido y de sus conexiones, toma de posición que constituye el ser-así del a parte del mundo elegida y su elevación a “mundo” estético (LUKÁCS, 1972, p. 241).

Contudo, isso comprova não a fragilidade da expressão estética como saída para um mundo utilitarista e reificado, mas o quanto a essência humana é mutável – construindo-se ao longo da história, acompanhando a atitude cotidiana, agregando significados – e o quanto o artista só pode afirmar a própria subjetividade quando integrado de forma intensa à objetividade do mundo que o cerca, da história que o constituiu enquanto sujeito capaz de uma reflexão sobre si e sobre seu próprio mundo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. Título original: *Asthetische Theorie*. Tradução de Fernando Rianza. Espanha: Hyspanamerica, 1984.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BASTOS, Hermenegildo. Literatura como trabalho e apropriação – um esboço de hermenêutica. **Remate de Males**, Campinas, 28 (2), jul./dez, 2008. Disponível em <<http://www.iel.unicamp.br/ojs-234/index.php/remate/article/view/861>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

LUKÁCS, Georg. **Estética. Vol. 1. I. – La peculiaridade do estético.**

Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona/México: Grijalbo, 1972.

_____. **Estética vol. 2. I. – La peculiaridade do estético.** Tradução

de Manuel Sacristán. Barcelona/México: Grijalbo, 1972.

SHCILLER, Friedrich. **A educação estética do homem (cartas).**

Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. Iluminuras: São Paulo, 2002.

CURRÍCULO

*Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília. Possui mestrado em Literatura (2011) e graduação em Letras Português pela Universidade de Brasília (2007). Desde 2008 é professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Brasília.